

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 13 de Outubro - 1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

73

sempre

fixe *semanal*
f *humorista*



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E C
TEL. T. 152, 15
RUA DA ROSA, 31

6—Avenida
Ex.º Sr.
Kol de Alvarar
Rua Brito

ENA PAI...NEIS



Segundo um documento autentico, encontrado pelo Sempre Fixe na Torre do Tombo que a Imprensa levou, a identificação das figuras do presente painel é absolutamente incontestavel: representa a infanta Dona C....A, ao natural e com a maior naturalidade deste mundo dando a lêr ao Zé apenas o que ela muito bem entende.

Como o precioso documento não esclarece se o artista é Flamengo, Gruyère ou Rabaçal, propomos que a averiguação deste ponto seja confiada á casa Jeronimo Martins.



Os ditos da semana



Nas corridas de cavalos, em Cascais, um cavalo, proclamando a sua independência, alijou o cavaleiro e fez sózinho a prova toda, chegando em segundo lugar. Este gesto de revolta, que veio demonstrar a inutilidade dos cavaleiros, põe em foco uma grande injustiça — a injustiça de se concederem os prémios aos cavaleiros.

Até agora quem corria eram os cavalos e os prémios eram dados aos outros, aos que os montavam.

Este cavalo sacudiu o jugo, emancipou-se, nobilitou-se e reabilitou a sua espécie, inscrevendo no seu braço, a laia de timbre heráldico, a velha sentença da sabedoria das nações: — *mais vale só do que mal acompanhado.*

Perante um acontecimento desta natureza, o *Sempre Fixe* fica perplexo, embora *fixe* nas suas opiniões de que, nas corridas, todas as honras deviam pertencer incontestavelmente aos animais.

Os próprios organizadores destes desportos sentiram sempre esta verdade imanente e tanto assim que nunca lhes chamaram senão *corridas de cavalos* e não *corridas de cavaleiros*. Mas iam dando os prémios e as honras aos outros...

E agora pensa a gente: Quantas bestas não teriam realizado maravilhas, se não fossem os homens de talento e de raras habilidades que, encavalitando-se-lhes em cima, os não deixam obrar à vontade.

Um exemplo nos ocorre de momento: — a corrida dos câmbios que é quasi sempre mais perigosa quando tem um governo a dirigi-la e que, em período de crise ministerial, não chega nunca a tomar o freio nos dentes.

Deixem obrar a natureza e verão como a felicidade perpetua se instala no mundo.



Porque um bailarino se propõe bailar duzentas horas consecutivas, abre-se a boca de espanto.

— É um fenómeno... é um assombro!... Ah!

O *Sempre Fixe*, que não se deixa ir na onda, não se espanta.

O homem habituou-se, treinou-se e agora dança, dança e nunca mais para.

Em a gente se treinando consegue o impossível. O bai-

larino baila, como o sr. José de Figueiredo faz identificações de quadros, como o sr. José de Bragança prova que toda a gente falsifica documentos e como o sr. João Camoesas faz discursos.

O mais é começar. Treino, treino e só treino.

Quando nasce um bezerro, peza apenas alguns quilos. A gente mete-lhe os braços de baixo da barriga e levanta-o com a maior facilidade. No dia seguinte faz o mesmo, no terceiro dia torna a levantar o bezerro, e continua com o mesmo treino indefinidamente. E o bezerro vai crescendo, vai crescendo. Não é pela meia duzia de grammas que ele vai aumentando de dia para dia que a empreza se torna difícil. O bicho vai crescendo e a gente vai-se habituando, até que o bezerro é um toiro e a gente sempre a levanta-lo como se fôsse uma criança de mama. Que espanta, pois, que um bailarino treinado dance 200 horas consecutivas?

De resto, mais do que o bailarino, faz o nosso coração que bate ha quarenta anos sem parar.

As lojas das aguas, que as vendem das mais diferentes e distantes procedencias, conseguiram um milagre: ter sempre agua de longe e nunca ter agua de perto. Cintra, Caneças, Vale de Cavalos e Fonte dos Cedros, aqui a dois passos de Lisboa, não dão agua suficiente para abastecer as casas da especialidade. Em compensação nunca falta agua do Luso, Vidago, Pedras Salgadas e outras aguas engarrafadas. Apesar da distancia e da pequena produção, ha-as em quantidade bastante para o consumo.

Ha quem duvide da legitimidade das aguas e afirme que a agua é só uma, recebendo a virtude apenas dos disticos dos recipientes mas nós não queremos ir tão longe.

Aqui ha um segredo e ha um misterio que o *Sempre Fixe* vai desvendar:

— A agua do Luso custa trez tostões e a outra custa apenas dois.

Sendo toda igual, mais vale vender a cara do que a barata.

Isto é um caso de agua-chil-

ra, mas não é caso de que não se faça caso.



A guerra dos paineis passou as fronteiras da imprensa periodica e entrou pelo *Diario do Governo*. O ministro da instrução, resolveu já, por meio de portaria, um dos mais graves problemas de pleito — o da autoria dos paineis.

A portaria que nomeia a comissão encarregada de se pronunciar sobre a autenticidade do documento encontrado por D. João de Pita, chama aos paineis — paineis de Nuno Gonçalves.

Está, pois, resolvida a questão. O ministro da instrução tem varias duvidas, mas tem já uma certeza: que os paineis são de Nuno Gonçalves.

Isto faz-nos lembrar um caso passado recentemente na Boa-Hora. Era julgado um carroceiro por ter atropelado uma velha. A policia e parte das testemunhas afirmavam que o carroceiro, propositadamente, atirara com a carroça para cima da velha. Outras testemunhas e o réu declaravam tratar-se de um desastre proveniente de um desanranjo nos travões.

O grande ponto a debater na audiencia era, pois, saber se a morte da velha fôra devida a um crime praticado pelo carroceiro ou a um caso de força maior, que ninguem podia evitar.

Estavam frente a frente o delegado, a quem competia fazer prova do crime e o advogado de defesa do réu que pretendia ilibá-lo de qual responsabilidade.

O delegado, que era um sub-delegado em exercicio, e não passava por muito atilado, quando chegou á sua altura de interrogar a primeira testemunha, começou assim:

— Ora diga-me, a testemunha assistiu ao desastre?

Palavras não eram ditas solta de lá o juiz de mãos na cabeça:

— Basta sr. dr. Delegado, não diga mais. Se v. ex.^a já sabe que se trata de um desastre escusamos de estar aqui a perder tempo.

Aplicado *el cuento*, se já se sabe que os paineis são de Nuno Gonçalves, já se sabe tambem que o documento onde se afirma que eles são de um mestre flamengo, ha-de fatalmente ser falso.

Mas... o carroceiro, no final de contas, foi condenado.

Zé Nicolau Ballarino



— Não compreendo que paguem para vêr um homem dançar duzentas horas, quando ha uns poucos de anos que eu danço e sou eu que pago ainda por cima.

Bric-à-Brac

Plus ça change...

Fui sabado ás corridas de Cascais,
Um pouco porque gosto de cavalos,
E muito mais, a'nda muito mais,
Por uns olhos que me dão de ser fatais
Se me torna a ser dado o encontrá-los.
E ao buscá-la por entre aquelas saias,
—Aonde tanto parveni tropeça,—
Vi, entre as elegancias dessas praias,
Quas' todos os tipos que fia nos Meias,
E uns... que vieram já depois do Eça.
E, lá vi, imponente, a recitar
Qualquer coisa onde havia amor e loisas,
O nosso eterno, olimpico Alencar,
Junto duma dezena de poetisas
Que o Eça já não teve que grammar.
Porto, junto á tribuna, e noutro bando,
O meu olhar distintamente viu,
E tão exacto como estou contando,
O Urbano Rodrigues conversando
Co'o Damazo Salcède,—que aderiu.—
E por sinal até que o nosso Urbano,
A fiseisar nos vidros da luneta,
Foi a um outro rancho, muito ufano,
Beijar a mão, todo palaciano,
A' Senhora Duqueza da Baeta.
Passou o Gouvarinho, já sol posto,
Co'o seu vencido, o seu cansado ar,
E aquela fúnda prega de desgosto
Que, para sempre, lhe ficou no rosto,
Por o Carlos da Maia não voltar.
Vi o Eusebio, em sua andaina preta,
Co'o Palma Cavalão de carruagem;
—O Palma já não escreve na Corneta,
E é hoje director duma gazeta
Que defende os interesses da Moagem.—
E quando vi passar entre essa gente
A Craben co'o ministro da Noruega,
A Maria da Cunha, conivente,
Tinha um riso bondoso e indulgente
Vendo Raquel a conversar com o Ega.
Mas o Cohen, o homem da finança,
Que andava a passear jerto da pista,
Para Raquel pesadamente avança,
P'lo braço dum senhor gauche e de pança
Que nesta Republica foi estadista.
Curva-se o homem té mais não poder,
Pouco á vontade no seu frack tóscio,
E o Cohen á mulher ouvi dizer:
—«O nosso amigo dá-nos o prazer
E a honra imensa de ir jantar commosco.»
E o Ega, co'o sorriso mais cruel,
Criva o homem de setas e perguntas,
E diz ao muche lizo de Israel:
—«A Finança e Política, Raquel,
Sempre acabaram por ir comer juntas...»

João Fernandes.

GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da

A unica que possui melhores acomodações
a preços reduzidos
Venda de oleos, gazolina
e accessorios
Officinas para todas as reparações
Rua Visconde de Santarem, G. G. U.
(ao Auco do Cego) Tel. 994 N.



—Compreendes. Agora já não me conheces as cicatrizes.
—E como conseguiste tu uma maravilha dessas?
—Não me lavando.

O PROBLEMA DO MOMENTO

O MISTERIO DOS PAINÉIS

A questão dos painéis complica-se. Não tardará que do agiologio seja impossível destacar um santo que venha representar a principal figura dos celebrados quadros. E' curioso que no debate estão intervindo pessoas que ninguem conhecia no mundo da investigação historico-arqueologica. Muitos dos historiografos que, neste momento, para decôr seu e do assunto ainda estão calados, muitos daqueles que sabem o que são arquivos e bibliotecas e que melhor sabem ainda como se investiga, pasmam como de um dia para o outro toda a gente se acha habilitada a tratar magister dicit tão momentoso problema! Essa gente não sabe paleografia, em arte pictural nunca ninguem a ouviu falar, um deles ainda ha dias perguntava onde era a Torre do Tombo (1), mas toem a sua opinião formada, todos afirmam e não ha um unico que não diga que do seu lado é que está a razão... A filauca com que falam é irrisoria; o portugês em que alguns escrevem bastaria a definir a sua categoria mental, e afinal todos, os que sabem e os que presumem disso, quando muito, toem rodeado o caso e a modestia e o cuidado com que o fazem são tanto maiores quanto mais elevados os seus conhecimentos.

Tudo para conquistar a celebridade! Um amigo nosso lembrou-se ha dias de consultar pelo espiritismo as pessoas sobre quem toem recaído mais probabilidades de identificação iconografica nas admiráveis tabuas primitivas. Veio primeiro á barra da conversa espirita, S. Vicente. O bom do nosos santo mostrou-se surpreendido com a honra que lhe deu o director do Museu de Arte Antiga e atribue essa felicidade á circunstancia de Nuno Gonçalves (?) o ter despojado do tradicional corno, que era afinal um enguço para ele e para Lisboa, que não tem sido das cidades mais afortunadas. O infante santo, quando lhe disseram que o professor José Saraiva o tinha atribuido nos painéis, mostrou-se aborrecido e, apesar de atra-

dicionalista, dispôs-se a aderir á *Seara Nova*, porque o sr. Jaime Cortezão foi para ele bem mais justo. Santa Catarina, como é senhora, foi mais dissimulada e, apesar de santa, não a contrariou muito a opinião do sr. Freire de Andrade, que é, pelos modos, um rapazinho insinuante. Os espiritos evocados riram-se desabaladamente das conjecturas e eles lá toem as suas razões.

Como a fisionomia da figura de maior proeminencia tem um ar menino, e como o geral do convento de Santo Eloy tambem aparece agora a forjar documentos falsos, já se diz que se trata duma vingança para atingir o director da policia de investigação criminal. Matos Sequeira, como é o adonis que toda a gente conhece, não lhe repugna acreditar que a principal figura seja a de uma mulher.

Já Afonso Dornelas contraria a versão porque encontrou em documentos de Ormuz uma ordem de cavalaria chamada dos *apastranascos*, com origem nas tapeçarias de Pastrana.

Para o sr. José de Bragança, a solução do assunto liga-se directamente á questão das dimensões das taboas.

Somos um país felicissimo! Não faltam eruditos e especialistas. Em Portugal, a erudição leva tanto tempo a fazer como os pudins instantaneos que vendem as mercearias! Afinal, todos falam, só os painéis... nada dizem! Os documentos dos arquivos continuam cheios de poeira, enquanto os sabios portugueses estudam o assunto no socego dos seus gabinetes ou no bulicio dos cafés. Ah, sim, ali é que estão as fontes... da verborreial!

Se existisse ainda algum frade de Santo Eloy, talvez pudesse explicar se se trata dum homem ou duma mulher. E depois que falasso o Tribunal dos Pequenos Delitos pela voz do magistrado homonimo do santo...

Um pergaminho.

ANDAÇO



—Estou muito triste Elisa. Meu marido padece de amnesia. Calcula que no outro dia esqueceu-se de que era casado comigo e fui encontrá-lo aos beijos á creada.
—Ai, filha, estou desgraçada, o meu tem a mesma doença...

.....

!! Não queira ficar assim !!
USE A **VITELINA-VITERI**
TONICO AMARELO
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos
FRASCO 8500
Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.
R. dos Fanqueiros, 84. 1.º. D.-Lisboa

CANÇÃO NACIONAL

FADO DE AVEIRO

Mote

Tem Aveiro um Homem-Cristo
que berra por sete foles,
Além de ter's tudo isto,
tens os belos ovos moles.

Glosas

Dá-nos Aveiro a surpresa
de não se par'cer co'as mais,
visto que os lindos canais
são tal qual os de Venesa...
Saveiros na singelesa,
tem das gondolas o mixto
—oh! caso nunca vistol—
p'ra bem dos pecados sous...
sem ser um rei dos judeus,
tem Aveiro um Homem-Cristo.

Aveiro foi baluarte
da defesa da Republica
e aonde a opinião publica
esse ideal nunca reparte.
Põe mais ideias de parte
p'ra que não te desconsoles,
cuidado com Rilhafoles,
pois previne-te primeiro
com o tal orgão... d'Aveiro
que berra por sete foles.

Aveiro, apesar do todo,
é rico no pé de meta,
pois p'ra ter a bolsa cheia
basta do sargaço o iodo.
Cardumes de peixe a todo
põe na ria o imprevisto,
e se lá for's, não insisto,
que has de ter a ocasião
de ter's o bom mexilhão,
além de ter tudo isto...

Seguindo velhos sistemas,
Aveiro, por vida minha,
é onde impera a galinha
que põe as mais lindas gomas.
E, por isso, quando temas
ter no peito mal dos foles,
toma do a'Porto dois goles,
e, se a tosse te entisica,
p'r'alivios, numa barrica,
tens os belos ovos moles!

Reporter B.



«Divertimo-nos á bruta. Notícias não te posso dar por que não recebemos jornais».



—O que hei de eu fazer agora com a maquina toda escangalhada?
—Não te aflijas, meu filho, porque eu vou mandar chamar o Herbert Dias, do «Modern Office», que a arranja com a maxima rapidez e competencia.

Elevador da Gloria

Um sábio americano internou-se nas regiões tropicais de Africa, disposto a ensinar aos macacos o pacifico manejo da espingarda para combater, na primeira oportunidade, o genero humano. A ideia é magistral. Entra no caminho da emancipação dos povos e deve ser grata á Sociedade das Nações que em Genève pretende reconhecer varias raças da Europa, depois de as ter esburgado pantagruelicamente.

O macaco-homem, comandado por um macaco, com uma bandeira de cascas de banana, vai, decerto, firmar seguramente a paz entre os homens. O que eles, em milhares de seculos de historia, não conseguiram, conseguiram o feroz o peludo antropoide. Não tenham duvidas! Depois do primeiro combate, as fronteiras desaparecerão, republicas e monarchias serão baldadas. a Grã-Bretanha será invadida -- e uma era de progresso macacal estender-se-ha por todos os confins do planeta.

E' possivel que acabe o sufragio universal e todos os preceitos de higiene. Nunca mais haverá poetas, nem politicos, nem generais. Tambem não são precisos. Inutilidades ha muitas sobre a terra.

Certos países assimilarão difficilmente essa nova cultura. Mas outros, como o nosso, aceitarão de braços abertos -- e reconhecidamente! Em Lisboa, as estatuas dos grandes vultos serão substituidas por todos os exemplares da dinastia dos chimpanzés. As macaquinhas, muito dengosas, confundir-se-hão com as que já existem para assediarem os que são maridos, sacudindo gentilmente o rabinho por essas ruas e calçadas. Haverá muitas scenas de ciúme e um excessivo consumo de coco. A gritaria será terrivel, tanto no Parlamento, como cá fóra. Lá dentro, os mesmos macacos de rabo pelado, azul ou vermelho, indicativo colorido dos dois regimens até agora descobertos para darem emprego. Portugal, conquistado pelos macacos de armas na mão, ditará então leis ao mundo. Obterá um lugar no conselho permanente da Sociedade das Nações que então houver; concertará todas as estradas, em virtude de já ninguém andar no chão, mas em cima das arvores; o problema do inquinamento desaparecerá, alongando-se o Jardim Zoologico em todas as cidades do continente, sendo possivel mesmo que se tenham de erguer alguns de caracter lacustre para atender ao excesso da população.

Mas para que tanta fantasia? Se o país não anda, não é por falta de macacos: é por abundancia...

Sortes grandes?
só a **PINA** as vende
76 Rua de S. Paulo -- **77**

DE UMA PRAIA ELEGANTE

O que a Ernestina respondeu á Lucia, numa carta para a Trafaria

Minha querida Lucia:

Vejo que estás gosando a bom gosar nessa linda praia.

Na realidade, poucas praias haverá onde a intimidade seja tão lata, onde se saiba menos da vida de cada um e onde o mexerico, tão proprio da gente de Cascais e Estoris, não ferra o donte por mais que queira.

Razão teve teu pai levando-te para ahi, fugindo á estupidez de Biarritz, á insipidez de Ostende, á imbecilidade de San Sebastian, á falsa nobreza de Cascais.

Se novidades me dás que muito-estimei -- eu que conheço bem a colonia balnear -- fiquei triste por outro lado por não falares de tantos e tantos que para ahi vão todos os anos, gosar a beleza do clima, com seus calores (o 50 á sombra; com suas nortadas encantadoras; com seus perfumes de entontecer -- pobre Madeira! -- e com seus barcos le pesca, quais banhistas, atravancando a praia. Isso, minha filha, não é positivamente a Praia da Rocha, mas é pelo menos a Praia... do Rocha.

Mas, dizia eu, que não me falaste em tantos que gostaria de ouvir citar.

Diz-me o que é feito do dr. Bebião o seu respeitavel pau? Da D. Conchita Olé, com sua garganta d'oiro? Dos Costas Atletas, quais Apolos ao envergarem seus fatos de banho onde o escudo da Associação reluz? Da Tancinha, metida em sua cabeleira de pagom? No Pintasilgo Dançante, gran priz na Valsa Boston e medalha d'oiro no concurso dos «13»?

Quantos invocaria mais? Nem sei! Ainda existe o «Monte d'Areia» na estrada? Que de recordações, meu Deus, quantos flirts, quanta canção perdida para esse ingrato nem sequer reparar em mim! Guizado seja ele, já que o é.

Bem sei que, se me não falas de todos os que por ahi estão é porque ainda os não conheces e muito principalmente por não gostares de falar das vidas alheias.

Tal qual como eu! No entanto, se não fôsse este bocadinho de má lingua, que farias tu, Lucia?

Aborrecer-te-hias ouvindo o matraquear constante da ondulação, verias a entrada e saída dos paquetes, a chegada e partida dos vapores de carreira e dormirias as horas que estás na praia.

Diz-me: ainda ha o habito de costurar na praia? Sabes que tenho a impressão que as senhoras banhistas não cosem em casa... por falta de tempo, as meias dos maridos, mas que teem tempo para fazer camisolas de lá para elas?

Compreendes: ir fazer malhas para a praia, todo o dia á lufa-lufa, sem quasi ter tempo para vêr o mar, quando nas longas noites de inverno ha tanto tempo aproveitavel?

Estou a vêr-te discordar do que digo, mas que queres, talvez esta maneira acanhada que tenho de pensar e dizer as coisas me façam vêr mal. Perdôa, se assim fór!

Nada me disseste das regatas de Cascais. O que sei é por ter lido nos jornais, que nada adiantam. Uns dizem que o barco do juri estava para a esquerda, outros para a direita; emfim, não se percebem. E' uma questão de apartar, o que não me interessa. Agora o que te peço é que me descrevas o baile de gala, que até hoje ainda não vi descrito, isto é, o encontro das primeiras sociedades da Trafaria e Estoris, e, se não abusar da tua paciencia, tambem te peço a descrição das toilettes da vossa colónia.

Já houve concurso de beleza, este ano, no Club Balnear? E se não houve, posso desde já garantir-te que o primeiro premio de meninas é para a Tovar e o de homens, apesar da beleza inegavel do Magalhães, é para o Ramalho Arreda.

Antes que me esqueça, meu pai pede-me para te recomendar que só gastes vinho do Silveira Carvoeiro, assim como só comas baleia marca Ga'.

Dizes bem, minha querida, estou-me para aqui a matar neste calor infernal de Lisboa, quando ahi podia gosar as delicias da scôte du soleil, mas que queres, o papá, quando teima, parece o Velho Ponsiano.

Bem, vou terminar, porque tenho ainda de acabar de lavar uma ceroulas do papá e, ás 5, veem aqui tomar chá o dr. Mota e o dr. Mayer Garção. Não digas nada a ninguém, por causa dos invejosos.

Dá, por mim, saudades ás Sintras, aos Pencos (a proposito, que é feio do diplomata-pianista), ás Bissaus, aos Moutinhos, aos Ramalho, aos Gomes, aos Mil Homens, não, dá antes aos Milhomens, á Mariasinha Grande e seu interessante mano (ai! ai!), aos Nascimento (já teem mais algum petiz?), ao Pombinha e familia, ás Marques e Marquezes, á tua prima Akla e mano e a todos de que me falaste. Sempre tua do coração,

Ernestina.

P. S. -- Já ha esgotos na Trafaria? Deus t'os dê, para se não ouvir piadas como aquela de que «A Trafaria é, depois de Cabo Verde, a primeira de Portugal».

E.

BOM HUMOR

Especialização:

—Escuta o teu pai, Abrahão. E' um bom conselho que te quero dar. Agora que acabaste brilhantemente os teus exames, deves montar um consultorio de dentista...

—Mas, papá, eu estudei para ser oculista!

—Imbecill! O homem tem apenas dois olhos, mas possui trinta e dois dentes...

Divertimentos proibidos:

—Papá, amanhã posso ir ao enterro do sr. Edwiges?

—Impossivel, meu filho: já esta semana foste ao teatro.

Receio justificado:

—Nunca chegaremos a saber o que devemos á medicina.

—Não me fales nisso! Estou á espera da conta do meu medico...

—Não levas hoje o teu vestido décolleté?

—Não merece a pena. E' uma festa onde só vão mulheres.

Diletantismo:

—Ouve lá, Mauricio! Quem é o autor do Preludio que tua mulher está tocando?

—Ora! E' um Allegro qualquer!

Investigação:

—Porque razão o sr. dr. quer saber tudo quanto os doentes comem? E' necessario os seus diagnosticos?

—Não, mas serve para estabelecer os meios que devo levar...

Projecto futuro:

—Escuta, Francisco, quando um de nós morrer irei viver para Biarritz?...

—Como? Tua mulher tem duas amantes e tu suportas o jogo?

—Que queres? Estou em minoria...

—Porque compraste dois ananazes?
—Um é para a minha sogra. Ela disse-me ontem que daria metade da sua vida por um ananaz...

—Ontem assisti á inauguração do novo teatro. A acustica é excelente.
—Ahi! E que papel é que ella cumprenha?



—Um paiminho de cara como o de V. Ex.ª é difficil encontrar.

—Pois olhe que ainda é mais difficil encontrar umas ventas como as suas.

—O teu novo amante o que é?

—Artista pintor.

—Ora bolas, eu ao menos arranjei um caixeiro do Grandela.



O saloio aleijado

Numa terceira classe (primeira entre parentesis), entre a estação da Lourinhã e a do Paio Pires.

O sr. Jeronimo, que entrou na estação precedente, observa com espanto um saloio sentado, imperturbavelmente, com os ante-braços colados ao corpo e os punhos projectados para diante, á laia de cabide. E enquanto o comboio rola, o Jeronimo entrega o seu espirito a varias conjecturas acerca da doença do seu estranho companheiro de viagem, seja saber se é um aleijado, um reumático ou um nervoso.

De subito, rompendo o silencio, o outro diz-lhe:

—Fazia-me um favor?

—?...

—Tirava-me o barrete, que está muito calôr?

Jeronimo, convencido da impossibilidade do saloio executar o favor pedido, não hesitou em tirar-lhe o barrete.

Nova pausa. Jeronimo, olhando o bucólico da paisagem, pensa nas Olimpíadas de Antonio Bôto, o joven poeta que, aqui para nós, segundo a opinião autorizada do celebre escultor masculino russo Upacuff, deveria ser considerado «monumento nacional», como em tempos se pensou fazer á preta Fernanda. Nova interrupção, seguida de novo pedido:

—Podia acender-me um cigarro e meter-m'o na boca?

Jeronimo, complacientemente, accede, mas, curioso como todo o bom alfacinha, delibera fazer pagar os favores que presta com dois dedos de coscuvilhice.

—O senhor é aleijado?

—Não, senhor!...

—Sofre então de reumatismo?

—Tambem não, garças a Deus!...

—E de nervoso?

—Nã!...

—Jeronimo, então, pensou que o saloio esteve a chuchar com ele, e por mais que busque não vê a razão dos extraordinarios pedidos. Nisto, o comboio entra numa gare. De novo o saloio pede, delicadamente:

—O senhor, faz-me favor, põe-me o barrete e abre-me a porta?

Jeronimo, já massado, mas interdito, como o sr. ministro da Instrução em frente da questão dos paineis, não sabe que fazer. Vencido pela indecisão, accede ao ultimo pedido e o saloio desce...

De novo a hipotese da chuchadeira o assalta, e como o saloio já vai quasi á porta da estação, salta atrás dele, disposto a interrogá-lo:

—Ouça lá!—diz-lhe, ao mesmo tempo que o agarra pelo braço.

—Ai, ai!—grita o saloio—não me tire os braços desta posição, que levo aqui a medida duns sapatos para a...



—Dá-me um copo de leite fresco?

—Oh! minha senhora, aqui o leite fresco sai mórno.

COMEDELA

Comer é a regra da felicidade...

O nosso grande Camilo compôs, naquella semi-seriedade que era o fundo natural do seu alto espirito, umas lindas paginas resolvendo indica: *Onde está a felicidade. Essa atingida*



ventura, porém, era parcial, pois tratava-se apenas do sentimento amoroso, e, se todos pelo seu simples receituário a podiam facilmente encontrar, tiravam-lhe assim as dificuldades, que são o incitamento para os bons apreciadores das corridas da vida. A felicidade podia achar-se nos bons corações, mas isso era ontem, quando os touros, numa bem entendida nacionalização dos divertimentos, ainda não caíam ás varas dos toureiros... Hoje, mudou, tambem, de sitio... lá fóra.

Num romance francês, saído ha pouco, Lavedan, — de mais a mais membro da Academia — vem fazer espirituosa, alegremente, e numa linguagem por igual apurada, a apologia do que, em português antigo—dos tempos em que havia o riso e a vaca, de Manoel Bernardes, com barateza— se chamava a «bela da paparocae» e mudar a sede da felicidade.

Nesse livro de papança, homens o mulhore, cada um tem a sua parte no prato e á mesma mesa. E o erigente autor de a *Alta* não fez ninguém descer senão ás papariquices. Se isso é descer! Todos, pelo contrario, andam num rodopio, elevando-se aos ceus doces dos manjares celestes.

E' um encomio do bom bocado, do bom paladar, dos bons, variados pitus, romanescamente, do bom gosto e boca a fazer crescer agua na dita... sem ser da Companhia, em que ella não chegue.

O heroe do trabalho, num renato

sintético de todo o criterio e sentimento a tirar da exposição, exclama liricamente:—«A felicidade, a verdadeira felicidade tom a sua sede no estomago. Vivam os comes-e-bebes e os comedores!»

Não é um poeta que diz isto e preconiza o regimen. E' um sabio versando superiormente ás mixordias e falsificações dos generos.

Com effeito, a sede da felicidade será no estomago, mas as contas teem de ser pagas á saída, no intestino, quer pelos de boa ou má boca. Para o caso não tem importancia, por correr tudo no interior.

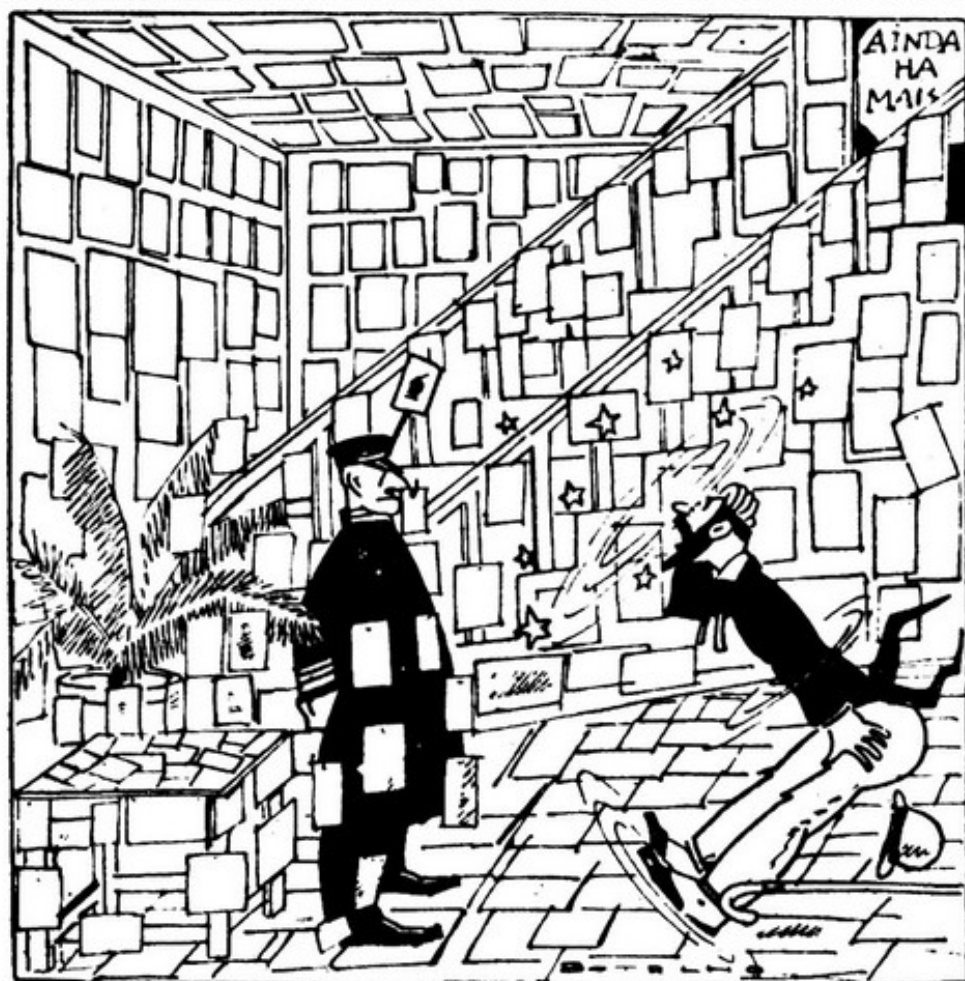
Nós tambem por cá temos, além de muitos méros comilões, desses bons gastronomos e até dos numerosissimos que, como D. Cesar de Bazan, se contentam em comer o cheiro. O pior é quando esse é igualmente mexorufada. Como não teem felicidade, prescindem de lhe dar sede e assim fica liquidado tudo!

Consumir é a regra. Já o outro as-



severava que na vida andavam todos a comerem-se uns aos outros e só havia intrujões e intrujões. Assim é, tanto mais que, em comer o cio, consiste o ramo mais importante da actividade humana.

José PARREIRA.



O ex-llibriomaniaco: — Numa exposição destas quem é que se libra de perder a cabeça? ...



A fertilidade hibernica dos nossos cinemas acentua-se, a olhos vista. Animam-se as telas com as silhuetas ágeis das estrélas proferidas, excitando desejos e invejas nos cinéfilos de ambos os três sexos—masculino, feminino e neutro. As plateias povóam-se dum... fauna chique e duma flora rica, abundando os *liões* e as *mimosas pudicas* com cara de quem detesta Charlot e morre por Ramon Navarro ou Betty Belfour. E' uma *fadaria*— sejamos portugueses—de côres, mais ou menos artificiais, dos murmúrios discretos de *flirt*, contrastando com o branco-negro e o silencio do *cran*.

Correm-se bons filmes. Na semana passada, tivemos Buster Keaton, no Odéon. *Go West, Ma Vache et Moi, O Rei dos Cow-Boys*:—três titulos distintos e uma só fita verdadeira. «O Homem que nunca ri» tanto faz rir, durante sete partes, com muitissimas partes... gagas, de que ele é o indiscutível *recordman*, que se lhe perdôa a reedição de inolvidavel perseguição das noivas, em *Seven Chances*, quo outra coisa não é a imprevisita recondução das vaçs para o rancho.

Contrascenavam com elle uma *leading-lady*—*Kathleen Myers*, e uma *leading-cow*—«A Mulatinha»— que, se tiver leite, ainda hei de vêr *estrelada*, já que a não posso comer... com ovos *estrelados*.

Esta semana exibem-se na plataforma da frente do mesmo *cin-tramway* duas fitas bem diferentes:

Uma, de irrefutaveis effeitos soporíferos, cheirando a Grand-Guignol, tem o pomposo nome *O Filho das Selvas* ou *O Filho da Mãe*. A empresa pede desculpa de ter intercalado as legendas (?) exibidas, versão cafre destinada á sucursal da M. G. M. na Zululandia.

Conrad Nagel é o filho. Lucille La Verne tem a seu cargo um duplo-papel: «A Mãe» e «As Selvas»; ainda por cima, fuma cachimbo como um grandeiro. Pauline Starke tem olho e não fuma cachimbo. Sam do Grasso não trabalha de *grasse* e faz muito bem.

A outra, *O Preço dum Beijo*, é a celebre *His Secretary*, que consagrou, definitivamente, Norma Shearer. E' a velha historia do *Antes e Depois*. O *baton*, o *rimmel*, o pó de arroz, os cremes, a *electrólise* e o *Taky*... 'tá polada vão ter muito que fazer, por estes tempos mais proximos. Seria curioso estabelecer uma estatística de frequencia aos Institutos de Beleza, antes e depois de correr o filme, agora no Odéon.

De ora ávante, quando na rua passarmos por um desses canhões capazes de bombardear Lisboa, apenas nos resta recordar a fita e dizer com os nossos botões:—Quem sabe? Pode ser uma beldade disfarçada...

A fita de Norma Shearer, Lew Cody, Willard Louis, Gwen Leo e Karl Dane abre tambem uma nova porta ás investigações arqueológicas. Devo ser curioso assistir ás escavações feitas numa cabedalifera, procurando a subterrada perfeição estetica.

Retardador.



...es que o teu primo está na

—...m que cara ele vai ficar quando me vir fazer de «Primavera»!

—Não, filha, de prima... bera.

A semana dos cravos

Sr. Redactor: — Não ignora V. o facto de Portugal atravessar uma tremenda crise, o que tem trazido como consequencia o consideravel aumento do cravanco.

Os cravos aumentam pavorosamente, pondo em serio risco a tranquillidade das familias, agora que entre nós já é costume a frequencia, nos cafés, das esposas, das sogras, das elhas mães e alguns animais de uso domestico.

Para obviar a estes inconvenientes, e ainda porque tão nobre instituição nos deve merecer alguma atenção, lembrava a V. a conveniencia do vosso conceituado jornal patrocinar a tentativa dos festejos para a organização da «Semana dos cravos».

Seria, como V. terá occasião de apreciar pela presente carta, uma festa digna de registo, pois na mesma poderiam figurar alguns numeros que, á falta de melhor projecto, passamos a propôr. Da comissão organizadora fariam parte, além dum dos vossos mais chistosos redactores, possivelmente o mais cravado, tirado á sorte; um representante dos teatros e cinemas de Lisboa; um delegado dos empregados de cafés e restaurantes; um representante das casas de jogo, e uma empregada representante das mais causticadas telefonistas dos jornais, que atendem vezes ao dia o pedido de bilhetes de imprensa para os teatros.

Do programa das festas, salvo outros aliosos alvitres, seria:

No primeiro dia, aposição nas montras da divisa «Não é por mal», que serviria de legenda a um desenho de uma cornucopia, prestando-se assim a devida homenagem aos touros de morte, que tem morrido a favor dos hospitais e que, vivos, são uma fonte de riqueza e de trabalho nesta tão linda terra de mandriões. — Festa da flor, com a legenda: «Empresta cá uma crã, ó menino».

No segundo dia, sessão solene, sob a presidencia do Pinheiro Maluco, na qual seriam condecorados com a medalha que teria por legenda «Fixe» os individuos mais heroicamente cravados depois da guerra.

No terceiro dia, grande cortejo allegorico, com carros simbolicos, tais como: «As Queijadas do Bristol», um carro com lindas coristas dos nossos teatros — artisticamente ornamentado com borlas, tendo a fechar uma banda de musica, que pela primeira vez tocaria a grande marcha «Sinfonia heroica dos teso», original dum conhecido maestro.

O produto liquido das festas seria aplicado em beneficiar o cofre da Policia, destinando-se grande parte em premios pecuniaros a distribuir aos guardas que, pela recente regulamento do sr. Ferreira do Amaral, tem de acompanhar os cães a casa das suas mulheres.

Sem outro assunto, creia-se sempre, de V., etc.,

Z.



— Quando me casar hei-de zangar-me todos os dias com o meu marido.
— Porque?
— Porque assim apanho 365 presentes de reconciliação.

CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magnificos almoços á Francaza

JANTARES E CEIAS

Optima canja — Bife á Chic

(especialidade)

Explendido café

Escolhida frequencia

COISAS DE TEATRO

ROMPIMENTOS

A fantasia dos nossos scenografos excede tudo quanto a antiga musa pinta...

E' uma fantasia com azas, uma fantasia que voa tão alto que, assim que cai, borra a pintura, põe-se amarela e fica com tão mau parecer que a gente nem a conhece...

Pois a grande innovação da scenografia portuguesa, o grito de alarme, a ultima palavra, está no segredo de pintar argolinhas brancas e azues entrelaçadas de argolinhas verdes...

E nos fundos geralmente róticos, porque é costume romper-se o fundo á fantasia, o scenografo usa explicar-nos o seu talento geometrico, pintando ora bolinhas... ora bolas...

Raras são as vezes que os anjinhos e as guitarras, os policias e as violas, e as rodas da fortuna ou cornucopias d'ouro em forma de fartos de creme, se não ponduram com fartura e muito á sua vontade no primeiro ou no segundo rompimento, conforme a categoria e o tamanho...

E quem eles, depois de já terem feito scenas com róticos e fundinhos, com bolas e argolas, passar por *bolas de classico* e falar mal dos futuristas!

Não senhor! Eles tambem são modernos e, para prova, veja-se:

Manda-se pintar a scena de uma *ferie*. O quadro desenrola-se nos do-

minios, absolutamente bem dispostos, de Sua Magestade a Alegria, e o scenografo, muito aborrecido com a encomenda, pede num sorriso amarelo ou cor-de-rosa, conforme a disposição, um adiantamento para tintas, porque a alegria está nas tintas para os scenografos de talento... E' uma questão de muitas cores. Basta que elas berrem desalmadamente ou que briguem entre si, para dar ao publico a impressão duma alegria bastante corada.

No meio de tudo isto, o scenografo vê-se azul. Começa pelo primeiro rompimento... de relações com aquela alegria que os autores arrancaram á imaginação, como quem tem um dente com dor; pinta-lhe uma grinalda de rosas e uma enfiada de guisos que não se fazem ouvir, talvez na intenção de imitar uma enfiada de pinhões... Entre as rosas que se riem descaradamente umas das outras, deixam-se ver uns sinos alegres com cara de quem vai tocar a finada... e no fundo, se este não é rótico, pinta uma mulher parecida com a Alegria, de cabelos compridos, que pode muito bem ser a alegria de viver com gosto e cabelo, ou a Praça de Alegria cortada á covinha...

Vasco de Matos Sequeira.



Destruição dos cabelos nos braços

Não ha nada mais repulsivo do que os cabelos nos braços duma mulher, porque elimina imediatamente toda a ideia de requinte e elegancia feminina. A navalha estimula o crescimento do cabelo, da mesma maneira que o podar das bordas dum capiteiro estimula o crescimento da

planta.

Os depilatorios em uso comum sómente destroem o cabelo acima da superficie da pele, enquanto que VEET dissolve o cabelo por baixo da pele.

Milhares de senhoras que usam o VEET ficam entusiasmadas com os belos resultados.

VEET

é um creme perfumado e aveludado, e pode-se obter nas principais casas de artigos de toilette ao preço de 10\$00 cada tubo; pelo correio, 11\$00.

Unicos importadores em Portugal

J. W. Chaster Ltd.

Rua da Conceição, 35, 2.º, esq. LISBOA

VEET



AQUELA MULHER!

Ia pelo Chiado. Acheia bela, Esbelta, sedutora, insinuante, Com seus cabelos loiros. Segui-a pela rua e soube dela Que era viuva dum comerciante, Importador de coiros!

Fiquei entusiasmado e, á noite, Embora homem casado, satisfeito, Fui com ela ao Central; E ao senti-la a meu lado, agarradiha, O coração pulava no meu peito, Imitando um pardal.

Fui até ao seu lar e tomei chá, Um chá que para o ser só lhe faltava Estar menos... chalado. Pouco depois, sentei-me num sofá E, quando ela me disse que me amava, Puz-me muito corado.

Dou-se em seguida o que era natural: Amor a prestações, sem pagamento, E por isso o melhor. Mas se trago este caso p'ra o jornal E' que, quando ia já no sequitico, Eu vi, cheio de horror...

Que, além de ser mui calva o Jesu-tada,

Dos seios, que julgava colossais, Não vi sinal nenhum. Fugi horrorizado pela escada, Temendo que, entre os artificiais, Houvesse mais algum!

E essa fatal mulher, que julguei bela, Esbelta, sedutora, insinuante, Com seus cabelos loiros, Decerto que passara por vitela, P'ra ser viuva dum comerciante, Importador de coiros!!

Rocix.

Como se transmitem as ordens no exercito

O capitão ao 1.º sargento: — Como deve saber, amanhã ha um eclipse do sol, o que não acontece todos os dias. Mande formar os homens ás 5 horas, na parada, em uniforme de passeio; eles poderão observar este raro fenomeno e eu lhes darei as explicações necessarias. Se chover, não ha nada que ver, e então os homens deverão formar na caserna, para o exercicio.

O 1.º sargento ao 2.º sargento: — Por ordem do capitão, ha amanhã um eclipse do sol, ás 5 horas, em uniforme de passeio, com demonstração do capitão, o que não acontece todos os dias. Se o tempo estiver chuvoso, não ha nada que ver no exterior, mas então o eclipse terá lugar na caserna.

O 2.º sargento ao cabo: — Amanhã muito cedo, ás 5 horas, abertura do eclipse do sol. Os homens em uniforme de passeio. O capitão dará, na caserna, as ordens necessarias se por acaso chover, o que não acontece todos os dias.

O cabo aos soldados: — Amanhã, ás 5 horas, o capitão fará eclipsar o sol em uniforme de passeio; se chover, no ar, e se estiver bom tempo, na caserna, o que não acontece todos os dias.

Os soldados uns aos outros: — Amanhã, ás 5 horas, o sol em uniforme de passeio fará eclipses ao capitão como demonstração, o que não acontece todos os dias.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estefania)



UMA «EQUIPE» CAMUFLADA...

Os aficionados da bola tiveram, no domingo, pouco que vêr.

O *Belenenses* foi dar pontapés para o Porto.

E, em Lisboa, os *coitadinhos* da Divisão de Honra deram pontapés uns nos outros.

A única novidade foi a *equipe* tricolor do *Casa Pia*.

A força de só perderem desafios, os *casapianos* convenceram-se de que o azar provinha da camisola e das cuecas. A Sorte via-os de luto, considerava-os viúvos e não lhes ligava nenhuma...

E daí: — o aparecimento daquela beleza de camisola branca, calções azues e meias encarnadas. E o novo *association* em tricromia dos *ex-All-Blacks* deu-lhe um empate...

Satisfeitos com a evidente melhoria de resultados, os *casapianos* tencionam não parar nos progressos...cro-

maticos. No proximo domingo devem descer ao campo, como segue:

«Camisola verde periquito com pintinhas amarelas; calções arco iris, genero fita da medalha da Vitoria; meias aos quadrinhos azues, *grénats*, bistres e alaranjados; e *cap* de gomos creme e salmão. Botas escuras *rouge-brun* e as direitas em cor de canario.»

E' a Taça garantida—por oftalmia geral dos adversarios.

Dizem os diarios que o comandante Ferreira do Amaral foi multado, por causa duma *sopreira*.

E isto fez-nos lembrar que, ha tempos, chamámos a atenção dos agentes cronometrístas do transito para o andamento dos automoveis dos conhecidos *sportsmen* governador civil e comandante da policia.

Dois agentes, na Avenida, liam o *Fixe* e comentavam:

—Este *gajo* tem razão. O diabo era o resto...

—Não sei! Eu, outro dia, li que o rei de Espanha foi multado por andar a nove. E como o comandante, desde que foi a Madrid, tem muitas ideias originaes, talvez gostasse de ser tambem multado.

—Pois... cai tu nessa... a vêr se não ficas com o cabelo todo rapado á escovinha...

Lucien Zaudin será de novo o capitão da *equipe* franceza de esgrima, nos jogos olimpicos de Amsterdam.

Entrevistado em Paris, por um redactor do *Fixe*, sobre as possibilidades da *equipe* portuguesa, o invencivel campeão começou por perguntar *olimpicamente* se ainda eram vivos o Pava e o Mayer e o Silveira...

Após o que declarou:
—«Estou absolutamente disposto a encontrar-me com os esgrimistas portugueses. Mas, antes de dar uma res-

posta definitiva, devo ainda consultar René Lacroix, Lucien Merignac, Albert Ayal, Casimir Dupont e Cyprien Durant, que tratam dos meus interesses desportivos—e Briaud, porque os encontros podem perfeitamente provocar um conflito diplomatico.

«Aplanadas estas ligeirissimas dificuldades, as minhas condições serão apenas:

«Juizes conscienciosamente seleccionados... por mim, devendo os *matches* realizar-se ás horas exactas que... eu marcar.

«Um detalhe sobre que insistirei muito particularmente é o seguinte: os esgrimistas portugueses, e em especial Monsieur de Pava, deverão cuidadosamente evitar qualquer tentativa para me tocar. Doutra modo, adoeceerei repentinamente e voltar-lhes-hei as costas, declarando o *match* terminado, com evidente vantagem a meu favor.»

Rebola-A-Bola.

Humorismo no estrangeiro



—Estas tragedias transatlanticas fazem-me lembrar meu marido.
—Tambem era aviador?
—Não. Saiu para a America ha trinta anos e nunca mais soube dele.



—Vê lá se encontras para ahí um abocão de osso, assim, duns vinte centímetros, que falta ao *diestro*.
—Quem sabe se ele o cravou no touro?



—E como consegues você, com cento e tantos anos, viver com tanta saude?
—Ah! senhor doutor, é que eu nasci antes que se inventassem os *microbios*.



—«Diz-nos V. Ex.^a que não pagará a nossa factura enquanto nós não pagarmos a sua. Sentimos comunicar-lhe que não podemos conceder-lhe um prazo tão longo.»

JORGE, O ELECTRICISTA

OU

O plantador d'eucaliptos na Jamaica
(Romance d'aventuras antíbias)
Original de M. A. Caco Velho

Capitulo XXIX

A condessa de Poisson Epé, na sua mocidade, antes de casar com o conde, chamava-se Ana Val-Verde Gatão. Quando do naufragio da fragata «Ananhada», Ana foi arremessada á praia d'Ovar sem dar a *côr de si*. Fasia dól Dado o alarme, toda a população correu á praia, sobressaindo nos gritos as *ovarias*. Os *ovarios* foram mais comedidos. Habitados á luta com as vagas e as *positivas*, estavam familiarizados com aquelas *ceças* e com os *carvões*.

Uma respiração artificial feita pelo Doutor Julio Dantas quebrar que tor-

cer, que era o medico do partido, porque já estava rachado, restituiu á vida a naufraga. Recolhida em casa duns pescadores de *aguas turvas*, ali se criou e conservou até á idade em que deu a mão e o pé á Julião d'Oiro. Do enlace, surgiu um filho macho que não era nada burro e gostava de andar a cavallo. Cinco anos após o matrimonio, Julião, desinquietado por um grupo de dinamarqueses, de que fazia parte uma *canarquinha*, loira, olhos azues e tranças castanhas com *agua-pé*, seguiu com eles em busca da fortuna, embarcando no paquete «Barbatana» que, como já foi dito, naufragou, tendo-se salvo Julião e mais quatro salvados, indo parar a Jamaica.

Os anos sucederam-se sem que jamais tivesse havido noticias de Julião. Entretanto, Ana, que para sustentar o educar seu filho fabricava barcos de pau feito de madeira em bruto (será ele), que vendia ás crianças, conheceu numa tarde, quando o sol se vai e não se volta p'ra pedir desculpa de estar de costas voltadas, o conde de Poisson Epé, fascinado com a beleza de Ana, que era duma cara, propôs-lhe casamento. Ana, convencida da sua viuvez, aceitou, e um mês depois

era condessa. Jorge, auxiliado generosamente pelo seu padrao, tirou o curso de electricidade em pó na Universidade de Segovia. O seu espirito aventureiro levou-o a embarcar, naufragando tambem (neste romance naufraga toda a gente), salvado-se a nado, bem como Mademoiselle Plissé, alcançando terra, isto é, a ilha Solitaria, onde viveram algum tempo e onde travaram relações com Lim-Pó-Pó e sua esposa Lim-Pá-Pá.

Capitulo XXX

A condessa de Poisson Epé, viuva duas vezes, ao entrar na Jamaica, na fazenda de *casemira* do plantador de eucaliptos, ficou de cimento armado! Julgava sonhar! Tinha ná sua frente seu primeiro marido! Mediu o d'alto a baixo (um metro e setenta e cinco) e, sem saberem como, atraídos pelo amor que naquella hora (quatro o três quartos) desabrochou com vola a força, caíram nos braços um do outro, apertando-se até roncar.

Capitulo XXXI

O aeroplano de Piroli, que conduzia Jorge, a dactilografã, Lim-Pó-Pó

e a esposa, nas alturas de *Shoot-Goal*, chocou com um arame farpado da linha telefonica de *Penalty*, produzindo-se immediatamente um *corner* no motor. O avião começou logo a baixar.

Como é natural, entre os viajantes estabeleceu-se o panico *vidrado*. Felizmente que a curta distancia divisava-se uma *lingua suja* de terra. Piroli, com um grando sangue-frio (dois abaixo do zero), dirigiu o aparelho para ali, aterrando na propriedade de Julião. Este e a condessa, ao verem Jorge, seu filho, descer do aeroplano, correram para ele, enchendo-o de boijos ardentes (quarenta e oito decimos), e maior foi a sua admiração quando o plantador viu Lim-Pó-Pó e a esposa, sous pais, avés portanto do Jorge. As lagrimas caíram em *fios d'algodão*.

Jorge apresentou a sous pais Mademoiselle Plissé, que veio a casar com o electricista e Piroli, o Salvador Marques daquela familia, que após tantos anos se juntou para nunca mais se separar.

As outras personagens deste romance ficaram de saude, graças a Deus.

FIM



— Tome lá dois tostões. Agora veja lá se os vai gastar em vinho.

— Oh! minha rica bemfeitora, infelizmente ando mal dos intestinos. Já ha dois mezes que estou a agua de Vidago.



O gato — Que belo peixe.
O policia — Que belo peixe.



— Qual é a sua profissão?
— Pintor.
— E o seu estado?
— Como vê é lastimavel.



— Oh diabol! E eu que estive toda a manhã mais a minha mulher a fazer o buraco na barraca...



— Começo agora a compreender porque ha tantos poetas cubistas.



— A senhora não está. Foi hoje para Biarritz.
— E quando voltará?
— Não sei, mas talvez lá para as sete e meia...